

A Educação Física como Área de Investigação Científica 3

Lucio Marques Vieira Souza
(Organizador)



A Educação Física como Área de Investigação Científica 3

Lucio Marques Vieira Souza
(Organizador)



Editora Chefe
Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial- NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Prof^ª Dr^ª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof^ª Dr^ª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Prof^ª Dr^ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof^ª Dr^ª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Prof^ª Dr^ª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof^ª Dr^ª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Prof^ª Dr^ª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^ª Dr^ª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Prof^ª Dr^ª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof^ª Dr^ª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^ª Dr^ª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof^ª Dr^ª Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lillian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Lucio Marques Vieira Souza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 A educação física como área de investigação científica 3 /
Organizador Lucio Marques Vieira Souza. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-577-8

DOI 10.22533/at.ed.778201311

1. Educação Física. 2. Esporte. 3. Exercício. I. Souza,
Lucio Marques Vieira (Organizador). II. Título.

CDD 613.7

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

Declaração dos Autores

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação e responsabilidade que apresentamos mais uma importante Coletânea intitulada de “A Educação Física como Área de Investigação 2” que reúne 31 artigos abordando vários tipos de pesquisas e metodologias que tiveram contribuições significativas de professores e acadêmicos das mais diversas instituições de Ensino Superior do Brasil.

O objetivo principal é apresentar os avanços e atualidades da área e para isto a obra foi dividida em dois volumes: no Volume 2 com 03 principais eixos temáticos: Atividade Física e Saúde do capítulo 1 ao 5; Práticas alternativas e saúde coletiva do 6 ao 11 e Práticas corporais e aspectos sociológicos, entre os capítulos 12 e 16; no Volume 3 com 02 principais eixos temáticos: Educação Física Escolar do capítulo 1 ao 8 e Treinamento Físico do 9 ao 15.

Estruturada desta forma a obra demonstra a pluralidade acadêmica e científica da Educação Física, bem como a sua importância para a sociedade. Neste sentido, nos capítulos constam estudos diversas temáticas contemplando assuntos de importante relevância dentro da área.

Agradecemos a Atena Editora que proporcionou que fosse real este momento e da mesma forma convidamos você Caro Leitor para embarcar na jornada fascinante rumo ao conhecimento.

Lucio Marques Vieira Souza

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

CAPÍTULO 1..... 1

A EDUCAÇÃO FÍSICA NO COMBATE AO TRANSTORNO DO DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO DE ESCOLARES

Ivson José dos Santos Silva
Danillo Fernando de Farias
Glauciano Joaquim de Melo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.7782013111

CAPÍTULO 2..... 10

A PERCEÇÃO DOS ESTAGIÁRIOS DO CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNIOESTE SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA E A MOTIVAÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS DO ENSINO MÉDIO

Vanessa Patrícia Völz
Adelar Aparecido Sampaio
Arestides Pereira da Silva Junior
Alvori Ahlert

DOI 10.22533/at.ed.7782013112

CAPÍTULO 3..... 23

APELIDOS ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA: BRINCADEIRAS OU MANIFESTAÇÕES HISTÓRICAS DE RACISMO E PRECONCEITO RACIAL

Ronildo Neumann Pastoriza
Michele Andréia Borges

DOI 10.22533/at.ed.7782013113

CAPÍTULO 4..... 31

DANÇANDO HIP HOP: O *FREESTYLE* COMO MARCADOR IDENTITÁRIO

Larissa Natalia Macedo Moura Fujisse

DOI 10.22533/at.ed.7782013114

CAPÍTULO 5..... 38

DESVIOS POSTURAIS E OS FATORES ASSOCIADOS EM ESCOLARES DA CIDADE DE CRATO-CE

Maria Vitória Castro da Silva
Hudday Mendes da Silva
Camila Fagundes Martins
Guilherme Téo de Sá Fulgêncio
Lucas Eduardo Nazário de Sousa
Barbara Arraes de Sousa

DOI 10.22533/at.ed.7782013115

CAPÍTULO 6..... 56

DIAGNÓSTICO DO ELEMENTO MOTOR EQUILÍBRIO DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO

INFANTIL DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ITAPIRANGA – SANTA CATARINA

Jaíne Karal

Elis Regina Frigeri

DOI 10.22533/at.ed.7782013116

CAPÍTULO 7..... 67

ESTIMULANDO O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DIANTE DA RECREAÇÃO NO ENSINO BÁSICO

Alexandre Muzi Cardoso

Veronica Nunes da Silva Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.7782013117

CAPÍTULO 8..... 77

RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Adriana Silva Meireles

Luiz Carlos Silva Albuquerque

Jurema Gonçalves Lopes de Castro Filha

Maria do Socorro Viana Rêgo

DOI 10.22533/at.ed.7782013118

TREINAMENTO FÍSICO

CAPÍTULO 9..... 84

A INFLUÊNCIA DA MUSCULAÇÃO NA BRAÇADA DO CRAWL EM ATLETAS DE NATAÇÃO

Alice Pereira de Oliveira

Beatriz Siqueira Bezerra

Karina Rocha Nascimento

Rafaello Pinheiro Mazzoccante

Leonardo Costa Pereira

DOI 10.22533/at.ed.7782013119

CAPÍTULO 10..... 93

A INFLUÊNCIA DO TREINAMENTO FUNCIONAL E DO TREINAMENTO DE FORÇA TRADICIONAL NA PERCEPÇÃO CORPORAL E FATORES MOTIVACIONAIS DE MULHERES PRATICANTES

Vitória da Silveira

Deninson Nunes Ferenci

DOI 10.22533/at.ed.77820131110

CAPÍTULO 11..... 103

ADAPTAÇÕES NEURAIS E MORFOLÓGICAS DO TREINAMENTO COM AÇÕES EXCÊNTRICAS

Walter Reyes Boehl

Mauro Castro Ignácio

Augusto Dias Dotto

Anderson da Silveira Farias

Guilherme de Oliveira Gonçalves
Bruna Brogni da Silva
Raul de Fraga Seibel
Anelize Castro Ignácio
Paloma Müller de Souza
Ecio Hubner Lencina
Andressa Roberta Rodrigues Delazeri
Régis Mateus Hözer
Augusto Tuchtenhagen
Jacson Severo de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.77820131111

CAPÍTULO 12..... 115

EFEITOS DE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO RESISTIDO NO ENVELHECIMENTO E NA QUALIDADE DE VIDA

Luiz Carlos Silva Albuquerque
Adriana Silva Meireles
Maria do Socorro Viana Rêgo
Jurema Gonçalves Lopes de Castro Filha

DOI 10.22533/at.ed.77820131112

CAPÍTULO 13..... 123

EFEITO DO TREINAMENTO INTERVALADO DE ALTA INTENSIDADE E DO AERÓBIO CONTÍNUO ASSOCIADO AO TREINAMENTO DE FORÇA NA COMPOSIÇÃO CORPORAL DE MULHERES FISICAMENTE ATIVAS

Bárbara Arraes de Sousa
Hudday Mendes da Silva
Maria Vitória Castro da Silva
Camila Fagundes Martins
Lucas Eduardo Nazário de Sousa
Guilherme Téó de Sá Fulgêncio

DOI 10.22533/at.ed.77820131113

CAPÍTULO 14..... 141

IMPORTÂNCIA DA ESTABILIDADE PROMOVIDA PELO CORE NA PREVENÇÃO DE LESÕES EM ATLETAS CORREDORES DE RUA

Carlos Sousa da Silva
Rômulo Martins
Pedro Jatene
Jeferson Oliveira Santana
Daniel Portella
Marcio Doro

DOI 10.22533/at.ed.77820131114

CAPÍTULO 15..... 150

INFLUÊNCIA DO EXERCÍCIO NÓRDICO NA MOBILIDADE E FORÇA DOS MÚSCULOS ISQUIOTIBIAIS

João Paulo Jesus Duarte

Raimundo Auricelio Vieira
Jorge Frederico Pinto Soares
Demétrius Cavalcanti Brandão
Francisco José Félix Saavedra

DOI 10.22533/at.ed.77820131115

SOBRE O ORGANIZADOR.....	162
ÍNDICE REMISSIVO.....	163

CAPÍTULO 3

APELIDOS ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA: BRINCADEIRAS OU MANIFESTAÇÕES HISTÓRICAS DE RACISMO E PRECONCEITO RACIAL

Data de aceite: 01/11/2020

Ronildo Neumann Pastoriza

Universidad Internacional Iberoamericana –
UNINI
Campeche – México
<http://lattes.cnpq.br/5515234165349830>

Michele Andréia Borges

Universidad Internacional Iberoamericana –
UNINI – Funiber
<http://lattes.cnpq.br/0547318794354107>
EMEF Heitor Villa Lobos, Porto Alegre-RS-
Brasil

RESUMO: Este estudo abordou a questão dos apelidos étnico-raciais na escola, tendo como objetivo principal a desmistificação desses apelidos como simples “brincadeiras” entre colegas. A questão racial tem sido bastante estudada no Brasil, principalmente através da luta histórica do Movimento Negro Unificado e de autores negros que abordam essa questão. A metodologia utilizada na escola pesquisada, após amplo debate com alunos, pais, professores e comunidade escolar, foi a forma dialógica, ou seja, toda vez que ocorrer um caso de racismo ou preconceito racial, o professor deve parar a sua aula e abordar o tema, ouvindo as partes conflitantes. Estudos apontaram que a simples punição ao infrator não resolvia o problema, pois muitas vezes “empoderava” ainda mais o aluno. Os resultados mostraram que o diálogo continua sendo a forma mais efetiva de discussão e combate a essas práticas racistas. A conversa

com o aluno infrator poderá desencadear o processo de conscientização de suas nefastas atitudes, fazendo-o refletir que suas práticas não são brincadeiras e sim formas de atuação do racismo agindo no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Apelidos Étnico-Raciais, Brincadeiras, Racismo, Diálogo, Conscientização.

ETHNIC-RACIAL APPEALS IN SCHOOL: JOKES OR HISTORIC MANIFESTATIONS OF RACISM AND RACIAL PREJUDICE

ABSTRACT: All st abordou ai issue two apelidos ethnical-raciais in that school, bearing cum mark keynote ai desmistificação these apelidos cum simpler “play” ant colleagues. Ai issue racialism has been fairly estudada not Kingdom, chiefly through yes tussle historical dout Moving Must Unified is authors blacks tha abordam and issue. Ai methodology used in that school pesquisada, upon ample debatable may alumni, parent, professors it community education, we ai gestalt dialógica, in other words, everytime tha occurs anne that if of] racism orihem prejudice racialism, cvbhjk decide owes stopping its lessons it to address cvbhjk theme, listening to aspas quote conflitantes. Research pointed may the simpler punishing by infrator nothi resolvia cvbhjk trouble, off many doors fold “empoderava” even more cvbhjk student’s. Those findings showed than dialogue keeps on was ai gestalt any more effective of] mailing it walk ai such practices racistas. Ai talking to student’s infrator could initiate cvbhjk case of] wareness of] that their nefastas attitudes, faire-cvbhjk ponder tha that their practices aren’t play is yes ways of] acting dout racism doing not setting education.

KEYWORDS: Nickname Ethnical-Raciais, Play, Racism, Dialogue, Wareness.

1 | INTRODUÇÃO

Esta pesquisa abordou a questão dos apelidos étnico-raciais em uma Escola Municipal de Porto Alegre-RS. A relevância deste estudo surgiu a partir das reclamações de alunos afrodescendentes que se sentiam agredidos, quando se referiam a eles por apelidos racistas e pejorativos: negão, macaco, beijo, ou ainda com relação ao seu fenótipo: cor de sua pele, formato do nariz e até de cabelo, não somente dentro das salas de aulas, mas em todas as dependências da escola. Os alunos agressores usavam como desculpa que eram simples “brincadeiras”, pois afinal todos eles eram “amigos”. O objetivo deste estudo é orientar a escola sobre as manifestações de racismo e preconceito racial que permeiam as relações sociais, dirigidas aos alunos negros e quando referidas a cor da pele, causando desconforto, sofrimento ou humilhação. Essas manifestações podem ser explícitas ou muito sutis. Os apelidos étnico-raciais não são brincadeiras entre colegas, mas sim formas veladas do racismo agindo na escola e na sociedade. Esse estudo é parte integrante da minha Tese de Doutorado junto a Universidad Internacional Iberoamericana - UNINI- México e segue a mesma lógica de pesquisa que realizei por ocasião da Defesa da Dissertação de Mestrado na Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. A metodologia utilizada, após amplos debates sobre esta temática, que envolveu alunos, professores, pais e funcionários, é o diálogo, mostrando os malefícios que os abusadores cometem sobre os afrodescendentes. Ficou combinado em uma decisão pedagógica da escola que, no momento em que o professor ouvir alguma manifestação preconceituosa, deve paralisar sua aula e iniciar uma reflexão coletiva, salientando que a maioria da população brasileira é de origem africana, que num processo de miscigenação, formaram a população brasileira e portanto práticas discriminatórias são formas hediondas de comportamento que devem ser combatidas com diálogo e reflexão.

2 | ANÁLISE SOBRE O RACISMO NO BRASIL

Segundo Munanga 1999, para entendermos a questão abordada neste artigo que versa sobre os apelidos étnico-raciais na escola, é importante entender os complicados processos que imbricam na discriminação e no preconceito racial que os afrodescendentes sofreram e continuam sofrendo na escola, mesmo decorrido várias décadas desde a promulgação da abolição da escravatura no Brasil em 1888. Para isso, faremos uma abordagem sobre os aspectos históricos do racismo no Brasil. Segundo Nascimento (2003), durante muito tempo da existência da história do Brasil, os afrodescendentes constituíram a imensa maioria da população. Em 1872 o censo governamental revela existir mais de seis milhões de pretos e pardos contra 3,8 milhões de brancos. Escravizados, os negros se

tornaram a mão-de-obra fundamental para a produção da riqueza do Brasil entre os séculos XV e XIX. Pressionada pelas nações europeias, principalmente pela Inglaterra, no final do século XIX, a elite intelectual brasileira, adepta dos ideais iluministas, passou a condenar o sistema colonial e o trabalho escravo. A intenção principal era mostrar que a escravidão violava o direito natural, pois investigações biológicas comprovavam a “humanidade dos negros africanos”. Todavia pertencer à categoria humana não significava posição de igualdade. Junto com o desejo de emancipação dos escravos, estavam embutidos aspectos da diferença e hierarquia entre as raças. Para as elites intelectuais nacionais, juntamente com a questão da abolição, estava o problema da suposta inferioridade biológica inerente à raça negra. Sobre isso Rocha 2007, ressalta que conciliar a ambição de tornar o Brasil semelhante às grandes nações europeias se a sua população era majoritariamente de mestiços e negros, se tornou um grande problema para essas castas sociais privilegiadas.

Os discursos da população estrangeira que visitava o Brasil na primeira metade do século XIX, pretendiam amenizar a escravidão brasileira e a ausência de preconceito, reforçando a incapacidade da população negra. Nesta leitura, a precariedade das condições de vida dos negros devia-se a sua própria incapacidade de progredir, ou seja, o negro era culpado de sua própria desgraça. Ao estudar os relatos de viagem de europeus que estiveram no Rio Grande do Sul, no século XIX, Maria Angélica Zubaran (2004), resgata as imagens que esses viajantes faziam do sul do Brasil para o imaginário europeu. A autora destaca que além da imagem do “mito da democracia racial” representada pelas relações cordiais e harmônicas entre senhores e escravos dentro de uma visão paternalista, em que os negros eram “representados por escravos criança”, dependentes dos cuidados e sob a guarda dos senhores governantes. *“Colocaram-se em circulação discursos que serviam para marcar a distância cultural entre o europeu e o afro-brasileiro”* (Zubaran, 2004, p.48). A abolição da escravatura deu ao negro a posse de si, mas eles continuaram a ser vistos como um entrave para o progresso da nação brasileira. A noção da democracia racial diz que a nação brasileira oferece a todos os seus cidadãos, negros, pardos ou brancos, igualdade de oportunidades em todas as áreas da vida pública e um convívio harmonioso, livre do racismo e da discriminação racial. Conforme as autoras, esse discurso da democracia racial contribuiu para camuflar o racismo e encobrir as desigualdades e os conflitos étnico-raciais na sociedade brasileira. Salientaram também, a centralidade do discurso do branqueamento, construído pelas elites brasileiras na passagem do século XIX para o século XX, em que as elites políticas nacionais acreditavam ser possível branquear a população, promovendo a imigração europeia e supondo que, num processo de mestiçagem, fossem prevalecer as características da “raça branca”. Ainda segundo as autoras, o critério da branquidade estabeleceu-se como norma e padrão de comportamento no Brasil, com efeitos perversos sobre a cultura e as identidades negras.

3 | A DISCRINAÇÃO DO NEGRO NA ESCOLA BRASILEIRA

As famílias negras cansadas de anos de discriminação e preconceito, entendiam que o caminho para uma possível ascensão social, passava pela educação. *O papel das organizações negras era mostrar para a sociedade branca que os negros eram tão capazes quanto os brancos para se integrarem aos padrões de comportamento dito civilizado* (Domingues, 2007, p.97). É nesse período do desenvolvimento do Brasil que se tem a consciência de que o país não era uma democracia racial, com a qual as elites brancas queriam que todos acreditassem. A negação ao direito negro a educação persiste até os dias de hoje. Ela está presente na invisibilidade do protagonismo negro na escola, com exceção do mês de novembro, dedicado a Consciência Negra, onde então o povo negro é exaltado por suas virtudes e suas personalidades de destaque, principalmente, por exemplo, aquelas consagradas pela mídia, ligadas a política, a música e aos esportes. O negro continua a ser retratado pelos livros didáticos em condições de cativos e vivendo em condições subumanas.

Os governantes tentam amenizar esta discriminação com Ações Afirmativas, como as cotas raciais, que muitas vezes acentuam ainda mais o racismo institucional. A promulgação de Leis Federais, como a 10.639/03, tornou-se um marco na luta do Movimento Negro, diante da persistente discriminação racial contra o povo negro e seus descendentes no sistema de ensino brasileiro, através da implementação nos currículos das escolas brasileiras, do estudo da história do continente africano e dos próprios africanos, da luta dos negros no Brasil e da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

Quando afirmamos neste estudo, que os apelidos étnico-raciais se tornaram uma prática cotidiana nas escolas brasileiras, não estamos destacando uma única prática perversa, mas retratando uma constatação histórica de desconstrução da identidade negra. Os apelidos não são simples brincadeiras, mas formas de agir do racismo, onipresente e forte. Quando falamos em discriminação étnico-racial nas escolas, certamente estamos falando de práticas discriminatórias, preconceituosas, que envolvem um universo composto de relações raciais pessoais. O fato de rotular uma pessoa pejorativamente, com relação a cor de sua pele, a seus traços fenóticos, a seus atributos físicos ou a forma de seus cabelos é uma tentativa consciente ou inconsciente de perpetuar o racismo, não só nas instituições escolares, mas em toda a sociedade brasileira.

4 | VALORIZAÇÃO DA ESTÉTICA NEGRA

Para Gomes (2007), a identidade de um indivíduo tem seu início no processo que se dá a partir do seu olhar para si próprio e do olhar do “outro” para ele. Por isso podemos entender que o processo identitário é tanto individual como coletivo e sempre engendra instâncias conflituosas. A identidade não somente demarca a existência de um indivíduo

no mundo, mas também direciona a maneira como ele vai socializar. Logo, a identidade do negro está intrinsecamente ligada à sua relação com seu próprio corpo, no qual foram inscritos, ao longo da história, valores e crenças negativas que tendem a depreciá-lo.

O corpo se destaca, assim, como veículo de expressão de opressão, que constrói no indivíduo diversos sentimentos contraditórios como rejeição, negação, sofrimento, dor, aceitação, resistência, mas também, felicidade. Foi pensando nesta aceitação positiva, que várias entidades sociais brasileiras, entre elas o Movimento Negro, principalmente no meio acadêmico, desde a década de 1970, vem construindo novos padrões de beleza, que valorizam o corpo negro, para combater o racismo. Ao contrário do que antes acontecia, pois procurava-se embranquecer para combater o racismo, hoje a estratégia é enegrecer o corpo e não somente para demarcar a diferença de maneira positiva, mas também para fortalecer a identidade negra.

O “estilo afro” incorpora elementos africanos para produzir beleza negra baseada agora em uma determinada noção de africanidade que imagina e recria a própria África no Brasil. O cabelo crespo, as roupas e acessórios, a aparência física carregam essa africanidade, reconstruindo a aparência e o orgulho de ser negro no Brasil, de modo positivo.

Percebemos como corpo negro se recria e se ressignifica ao longo da história na sociedade brasileira. Sendo ao mesmo tempo produtor e fruto da identidade negra, o corpo negro não marca a vida social do povo somente de maneira negativa, estigmatizada, que manifesta sentimento de sofrimento e dor, pois também marca a luta por reconhecimento, resistência e beleza, que traz alegria, satisfação e autoestima. O corpo negro hoje se encontra como instrumento da construção e recriação não somente da cultura afro-brasileira, mas também da cultura nacional, não a que privilegiava um país miscigenado culturalmente, e sufocava e inferiorizava a cultura negra, mas a que tenta construir, a exemplo da valorização da estética negra, um país multicultural, entendendo e respeitando a diversidade étnico-racial aqui existente.

A beleza negra e principalmente os cabelos negros, receberam atenção especial nas matrizes de cultura africana no Brasil e em especial, nas culturas de origem banta. Em conjunto com o rosto, os cabelos definiam a pessoa e o grupo a que pertencia. É um complexo sistema de linguagem que pode indicar posição social, identidade étnica, origem, religião, idade. Através dos cabelos é possível resgatar memórias ancestrais. O negro é lindo! Esta era uma das premissas do movimento Black Power, surgido nos Estados Unidos em 1960, na luta pelos direitos civis dos negros. Este movimento se espalhou e conseqüentemente também chegou ao Brasil. Adornos multicoloridos, tranças, dreads e blacks, garantem um visual muito bonito. Mas vai muito além da procura pela beleza. Assumir o gosto e o respeito pelas diferentes formas da estética negra sinaliza um pertencimento e um orgulho dessa herança.

O corpo é o mais sagrado e completo instrumento de comunicação nas culturas africanas e afro-brasileiras de matriz banta. A linguagem corporal é compreendida tão claramente que a roupa não deve inibir nem privar seus movimentos, pois isso seria contra os princípios divinos. Assim como o corpo, a roupa mantém uma relação muito íntima com o sagrado. O negro não se veste, simplesmente. Por trás de cada gesto há um ritual que o mantém ligado à ancestralidade. Quando põe sobre o corpo ouro e metais; sementes e objetos de madeira, búzios, ossos, peles ou suas imitações, mesmo inconscientemente, está se conectando com os três reinos originais: o mineral, o vegetal e o animal.

5 | METODOLOGIA

Após abordarmos o longo período histórico no racismo no Brasil e a forma como ele está capilarizado na sociedade e por consequência nas escolas brasileiras, passaremos a abordar a questão metodológica de tratar deste tema no ambiente escolar. Uma das principais metas de professores e todas as demais categorias que atuam na escola é a de questionar a ausência do protagonismo negro nas escolas. A invisibilidade negra nos murais e cartazes das escolas, que só são destacadas em novembro por ocasião do mês da Consciência Negra, deve ser amplamente discutida e revista, pois a atuação negra deve estar presente em todo o ano e não restrita a um único mês. Como abordamos no capítulo referente a estética negra, esta e outras medidas devem ser estimuladas constantemente como forma de resgatar a autoestima dos afrodescendentes. Lembramos que mesmo após o período abolicionista o povo negro nunca adquiriu de fato sua liberdade e no ambiente escolar, isto se torna ainda mais relevante, pois sempre teve negado ou obstruído o seu acesso à escola. Aliás esta escola sempre foi pensada para uma elite dominante, branca e com ideais europeus.

Quando abordamos a questão dos apelidos étnico-raciais, na realidade estamos falando de racismo e preconceito racial. Colocar apelidos nas pessoas negras como “pelé”, “muçum”, “tição”, “buiu”, “macaco”, “branca de neve”, são apelidos pejorativos e estão agindo de forma perversa para desumanizar e desqualificar seres humanos. Também elogiar negros dizendo que são de “alma branca”; fazer piada de mau gosto usando termos como “coisa de preto” ou “serviço de preto”; querer agradar negros dizendo que é negro “mas” é bonito; apesar do cabelo ruim, é inteligente; usar eufemismo como “escurinho”, “pessoa de cor”, evitando falar a palavra negro; negar a ascendência negra do mulato, dizendo que não é totalmente negro, que é de “raça apurada”; usar as expressões como “limpar o sangue” ou “melhorar a raça” ao se referir à miscigenação; fazer comparações usando a cor branca como símbolo do que é limpo, bom, puro, e sem contrapartida, usar a cor preta representando o que é feio, sujo, ruim. Enfim, essa infinidade de exemplos são formas de como o racismo e o preconceito racial se difundem capilarmente, na sociedade brasileira.

A forma de atuação e combate a essas práticas, têm se tornado mais eficazes através do diálogo. Toda vez que o professor ouvir um insulto racista, deve imediatamente parar sua aula e abordar esta questão. Apelidos étnico-raciais não são simples brincadeira entre colegas, mas formas nefastas de atuação do racismo, explícita ou mascarada, agindo no ambiente escolar. A simples punição aos alunos infratores tornaram-se ineficazes, pois perante os demais alunos, estes saíram empoderados, como um exemplo de liderança negativa. O que realmente surtiu efeito foi uma conversa franca com os envolvidos. Este diálogo tem como objetivo a busca da conscientização do aluno, que deve reconhecer que suas práticas nefastas, além de desqualificar os afrodescendentes, são formas perversas de manifestação explícita de racismo agindo no ambiente escolar.

6 | CONCLUSÃO

Os resultados mostraram que a simples punição aos agressores não resolvia o problema, pois muitos eram também de origem afrodescendente, e muitas vezes tinha efeito contrário, pois empoderava ainda mais os alunos. O que realmente surtiu efeito foi uma conversa franca visando sua conscientização, tanto com os alunos agressores, como também o diálogo com as vítimas, que em certas ocasiões se sentiam culpadas, por sofrerem essas discriminações. A escola também deve investir no orgulho da estética Afro, não só no mês da Consciência Negra em novembro, mas em todos os meses do ano, como forma de resgatar o orgulho e a autoestima dos alunos afrodescendentes (passou-se a falar da beleza negra, dos seus cabelos, do seu biótipo). Concluímos, reforçando a necessidade do diálogo entre as partes e enfatizando a importância da escola continuar fazendo sua parte, abordando temas polêmicos como o racismo, o *bullying* e as relações de poder, entre todos os segmentos da comunidade escolar, trazendo ao debate os malefícios que essas práticas acarretam para todos os alunos, mas especialmente aos de origem afrodescendente.

REFERÊNCIAS

Brasil. (2003). Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. *Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da União*, Brasília, DF.

Gomes, N. L. (2007). Diversidade étnico-racial e Educação no contexto brasileiro. In: ***Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais***. Belo Horizonte: Autêntica.

Domingues, P. (2007). ***Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos***. *Tempo [online]*, Rio de Janeiro, v.12, n.23, p. 100-122.

Meyer, D. (2002). Das (Im)possibilidades De Se Ver Como Anjo... In: GOMES, Nilma Nilo e Petronilha Beatriz Gonçalves da Silva (orgs.). **Experiências Étnico-Culturais para a Formação de Professores**. Belo Horizonte: Autêntica.

Munanga, K. (1999). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria do Ensino Fundamental.

Nascimento, E. L. (2003). **O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus.

Rocha, Rosa M. C. (2007). **Educação das relações étnico-raciais: Pensando referenciais para a organização da prática docente**. Belo Horizonte: Mazza Edições.

Santos, S. A. (2005). **A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta antirracista do Movimento Negro. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

Silva, P. G. (2011). **Das (Im)possibilidades de se ver como anjo: In: MEYER, Dagmar E. Estermann. Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Autêntica.

Zubaran, M. A. (2004). **Fixando identidades: representações étnico-culturais na imprensa negra porto-alegrense nas primeiras décadas do século XX**. Projeto de Pesquisa apresentado para o Curso de História da Universidade Luterana do Brasil. Canoas.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptações Neurais 103, 104, 105, 106, 107, 112

Aeróbico Contínuo 123, 125, 127, 128, 131, 132, 133, 134, 135

Apelidos Étnico-Raciais 23, 24, 26, 28, 29

Atividade Física 1, 2, 4, 7, 9, 21, 39, 40, 43, 53, 55, 71, 74, 102, 114, 115, 117, 119, 120, 121, 126, 130, 131, 139, 154

B

Biomecânica 84, 90, 144, 148

Brincadeiras 1, 4, 6, 23, 24, 26, 57, 61, 69, 74, 82

C

Composição Corporal 8, 38, 90, 123, 125, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139

Conscientização 23, 29

Core 86, 97, 101, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Corredores 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

D

Dano Muscular 104, 105, 109, 111, 112

Deficiências 5, 77, 81, 83

Desenvolvimento Infantil 1, 3, 9, 67, 68, 70, 71, 74

Desenvolvimento Motor 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 79

Desenvolvimento Neuropsicomotor 67, 68, 70, 74, 75

Destreza Motora 1, 3

Desvios Posturais 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

Diálogo 14, 23, 24, 29, 31, 34

Discente 31, 32, 82

E

Educação Física 2, 1, 3, 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 36, 37, 40, 53, 54, 57, 58, 61, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 81, 83, 89, 92, 95, 102, 106, 115, 121, 147, 162

Educação Infantil 8, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 68, 72, 74, 75

Equilíbrio 2, 6, 38, 39, 42, 43, 56, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 74, 82, 89, 91, 95,

119, 147, 148, 155

Escolares 1, 2, 7, 8, 9, 19, 26, 38, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 68, 69, 74

Estágio Supervisionado 11, 77, 78, 79, 81, 82, 83

Exercício Nórdico 150, 152, 153, 155, 156, 157

Exercícios Estabilizadores 141

Experiências 7, 30, 32, 34, 36, 57, 58, 64, 73, 77, 81, 82, 120

F

Fatores Motivacionais 93, 97, 98, 99, 100

Futebol 17, 150, 151, 155

H

HIIT 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 132, 133, 134, 135

Hip Hop 31, 32, 33, 34, 35, 36

I

Identidade 26, 27, 30, 31, 32, 34, 36, 96

Idosos 42, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 126

Isquiotibiais 145, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157

M

Motivação 10, 12, 14, 15, 18, 20, 21, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 121

Musculação 84, 86, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 94, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 117, 119, 120, 123, 129, 130, 133, 135

N

Natação 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 132

P

Percepção Corporal 93, 94, 96, 97, 100

Prática Pedagógica 10, 12, 13, 14, 16, 20, 78

R

Racismo 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30

Reabilitação 8, 95, 101, 146, 148, 150, 151

Recreação 67, 69, 70, 71, 74, 76

S

SF-36 115, 116, 117, 118, 119, 121

T

Treinamento 84, 88, 92, 93, 97, 101, 102, 107, 113, 114, 124, 126, 128, 129, 133, 134, 139, 147, 148, 162

Treinamento de Força Tradicional 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100

Treinamento Funcional 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 147, 148

Treinamento Resistido 84, 86, 115, 117, 118, 124, 128

Treino Excêntrico 104, 105, 106, 150

A Educação Física como Área de Investigação Científica 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2020

A Educação Física como Área de Investigação Científica 3

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 